



Razões que te levam para a cadeia e filosofias para suportá-la

Reasons that get you to jail and philosophies to endure

Razones que te llevan a la cárcel y filosofías para aguantar

Alex da Rosa¹

Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

RESUMO

O presente relato de experiência trata-se de uma narrativa acerca da docência dentro de estabelecimentos prisionais, num contexto de ensino de jovens e adultos encarcerados. O relato busca explorar a polissemia do porquê se vai para cadeia, problematizando os diferentes caminhos que os indivíduos tomam apesar de sentimentos semelhantes, frutos da organização da desigualdade social e distribuição de punição. Além disso, tratando-se de uma narrativa de uma aula de filosofia, discute-se também como suportar a clausura e as posições tomadas pelos presos a partir das filosofias helênicas que se guiam sob a premissa de como encontrar felicidade. O relato destaca a sensibilidade que é lecionar em espaços privados de liberdade, as dificuldades que envolvem, uma postura dissidente dos professores que se dedicam a esse campo, assim como as alegrias e felicidades vindas desse encontro.

Palavras-chave: Ensino de Jovens e Adultos; Filosofia; Prisões.

ABSTRACT

This experience report is a narrative about teaching within prisons, in a context of teaching incarcerated youth and adults. The report seeks to explore the polysemy of why one goes to jail, questioning the different paths that individuals take despite similar feelings, fruits of the organization of social inequality and distribution of punishment. In addition, since it is a narrative of a philosophy class, it also discusses how to bear the cloister and the positions taken by the prisoners from the Hellenic philosophies that are guided by the premise of how to find happiness. The report highlights the sensitivity of teaching in spaces deprived of liberty, the difficulties they involve, a dissident attitude of teachers who dedicate themselves to this field, as well as the joys and happiness that come from this meeting.

Keywords: Teaching Youth and Adults; Philosophy; Prisons.

RESUMEN

Este relato de experiencia es una narrativa sobre la enseñanza dentro de las cárceles, en un contexto de enseñanza de jóvenes y adultos privados de libertad. El informe busca explorar la polisemia de por qué uno va a la cárcel, cuestionando los diferentes caminos que toman los individuos a pesar de sentimientos similares, frutos de la organización de la desigualdad social y la distribución del castigo. Además, por tratarse de una narración de una clase de filosofía, también se habla de cómo llevar el claustro y las posiciones que toman los presos de las filosofías helênicas que se guían por la premisa de cómo encontrar la felicidad. El informe destaca la sensibilidad de la docencia en espacios privados de libertad, las dificultades que implican, una actitud disidente de los docentes que se dedican a este campo, así como las alegrías y alegrías que se desprenden de este encuentro.

Palabras clave: Enseñanza de Jóvenes y Adultos; Filosofía; Prisiones.

¹ É graduado em direito, filosofia e sociologia, mestre em direitos humanos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e doutorando em Filosofia pela Pontífice Universidade Católica (PUC-RS) / Bolsista Capes. Membro do grupo “Guattari, leitor de Lacan”. Foi professor e coordenador do curso pré-vestibular comunitário “Navegar”, hoje atua como professor de filosofia e sociologia. Estuda, dentre outros temas, cosmopolíticas, esquizoanálise e filosofia da ciência. <https://orcid.org/0000-0003-1797-6053>. Endereço eletrônico: alexdarosa@hotmail.com.br.



Introdução

A prisão e as escolas são, no sentido de instituições modernas, muito próximas em função e idade. Recentes, participam do paradigma histórico da modernidade, a complexa e multifacetada transição social do séc. XVII em diante, com estruturação do capital, êxodo rural, consolidação de estados nação, problemas demográficos e políticos envolvendo as cidades, e as diversas instituições sociais que as acompanharam (FOUCAULT, 2008).

A crítica destaca a historicidade comum dessas instituições com um propósito em comum: formação sujeitos dóceis e disciplinados. As instituições que Goffman destaca estão no mesmo sentido das que Foucault destaca, de ponta a ponta, um controle total do sujeito. A primeira instituição de controle, a família (FOUCAULT, 2006b), seguido da escola, da fábrica e por fim o cárcere (FOUCAULT, 2015).

São instituições que buscam disciplinar o sujeito e torná-lo obediente, adaptado ao novo regime de produção social, capitalista, focado na produção de excedente e exploração de mão de obra. Conjuntamente, toda uma organização moral em torno da obediência, do trabalho, elementos esses sendo atribuídos como virtudes (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004)

O marco do hospital geral, a época das grandes clausuras, encarcerava todo tipo de sujeito que fosse dissidente, por elementos morais, por infringir leis, por não obedecer², por não funcionar, pouco distinguindo a ideia que se tem hoje de hospital psiquiátrico e de cadeia (FOUCAULT, 2015). A separação dessas só se deu por um elemento bem claro: a prisão necessitava de sujeitos capazes de trabalhar, não de loucos ou incapazes de serviço (MELOSSI; PAVARINI, 2006)

Assim o cárcere e a fábrica estabeleceram relações íntimas: aquele inapto a trabalhar, a seguir as leis, deveria ir para a cadeia para lá ser reformado e explorado a baixíssimos custos. Mas a cadeia e o hospícios são já como fim da linha, daqueles que não seguem as normas e são sempre resetados nesse ponto, até que se adequem as normas sociais; entretanto, antes

² “Mathurin Milan. posto no hospital de Charenton no dia 31 de agosto de 1707: “Sua loucura sempre foi a de se esconder de sua família, de levar uma vida obscura no campo, de ter processos, de emprestar com usura e afundo perdido, de vaguear seu pobre espírito por estradas desconhecidas, e de se acreditar capaz das maiores ocupações.” Jean Antoine Touzard, posto no Chateau de Bicêtre no dia 21 de abril de 1701: “Recoleteo apóstata, sedicioso capaz dos maiores crimes, sodomista, ateu, se é que se pode sê-lo; um verdadeiro monstro de abominação que seria menos inconveniente sufocar do que deixar livre” (FOUCAULT, 2003, p. 203).

disso, há todo um trabalho da educação em disciplinar o sujeito e qualificá-lo para o mercado de trabalho (FOUCAULT, 1999).

Assim cadeia e escola também compartilham de relações íntimas, a ponto de tornar surreal a existência de escola e fábrica dentro da prisão. De fato, a intenção é já desde cedo ensinar a criança e o jovem a se sentar, levantar, cumprir horários, usar uniformes – todo o aspecto disciplinar que será replicado nas outras instituições (FOUCAULT, 1999).

Contemporaneamente, desde a década de 70, o ramo chamado Criminologia Crítica estuda não as causas do crime – apontadas outrora como biológicas, como evolutivas -, mas sim a desigual distribuição da punição na sociedade e o caráter político da estipulação do que é crime e quais são os sujeitos que serão mais visados ou menos visados (BARATTA, 2011)

A compreensão dessa historicidade, da semelhança entre as instituições, principalmente organizadas sobre o aspecto da disciplina, levou os criminólogos a estudarem a distribuição da punição como estruturante da sociedade, explicando melhor não as causas do crime, o porquê alguém comete um crime, mas sim porque alguns vão parar na cadeia e outros não.

Assim o presente relato busca explorar e narrar o cotidiano de um professor de filosofia dentro de uma instituição prisional, bem como a experiência que é lecionar filosofia e as reflexões conjuntas que se tem com os presos sobre como suportar a condição do cárcere, como pensar a própria vida e a maneira de viver.

Apesar de consciente dessa problemática envolvendo a educação, a docência pode ser uma prática de ensinar a transgredir, como afirma bell hooks (2017), e transgredir não necessariamente a lei, mas tornar-se outro daquilo que se é, dissidir do próprio pensamento, transformar-se, ou, ainda, nas palavras de Arendt (2018), liberdade para ser livre. A sensibilidade do relato busca compreender a educação enquanto prática de liberdade (FREIRE, 1997), especialmente em espaços privados de liberdade.



1. Diário de um professor:

*Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro, e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar*

Diário de um detento – Racionais Mc's

As maneiras pelas quais alguém vai parar na cadeia são bastante diversas. Pode-se ir por livre e espontânea vontade, pode-se ir dentro de um camburão, uma caminhonete reforçada, ônibus, metros, carona, para mencionar alguns. Claro, as motivações também são bastante variadas: por amor, por ódio, ganância, vingança, Deus, família, dinheiro.

Isso tudo, porém, ainda não nos deixa claro o porquê você foi parar lá, muito menos quem você é. Para facilitar, digo como costuma-se tratar quem frequenta esses estabelecimentos, por meio de uma singular simplificação da linguagem, para facilitar a compreensão, - talvez pelo barulho excessivo de grades de metal que abafa as vozes - em tornar todos os sujeitos substantivos. Não só os sujeitos, mas tudo se torna assim anunciado: “visita”, “saúde”, “interno”, “agente”, “feminino” e por aí vai.

Talvez assim fique mais fácil mesmo de reconhecer as razões que levam alguém a cadeia. Sinceramente, as motivações costumam ser bem similares, variando apenas a questão de que lado estão, se dentro ou fora das grades, e mais, se usam roupas pretas, cinzas, laranjas ou brancas. Mais importante do que pensar as razões ou motivações, bastante comuns e variáveis entre as partes envolvidas, é mais relevante pensar que roupa você usa e que substantivo te qualifica.

Assim chego após 1h de ônibus nesse lugar de difícil acesso, em todos os sentidos, com o azar de perceber a troca de plantão dos agentes e saber que estou prestes a me submeter a um breve interrogatório protocolar. Algumas conferências de documentos depois, detecções de metal, chaves deixadas na entrada, e o surpreendente interesse do agente que minunciosamente foleou o livro que eu carregava - “Compendio Introdutório à Psicanálise”, por Freud -, sou salvo por uma outra agente ao fundo que diz “professor”.

Fascinado por essa linguagem, tão interessante das dos de laranja, eu, o de branco, passo a mesclar as expressões inacreditáveis e percebo o processo de alfabetização e educação que ocorre no ambiente. Além de categórico, percebo a aplicação útil na vida que essa linguagem

me proporciona e passo a tratar assim: “comida”, “música”, “livro”; apesar de que, com isso, se vai aos poucos retirando todos os verbos existentes, até não restar ação alguma, especialmente dentro da cadeia.

Lá dentro a mais absoluta normalidade e o clima é o de sempre. Olhares cruzados, romances secretos, intrigas nem tão secretas assim, comentários sobre o final de semana, tudo isso enquanto circulam substantivos o tempo todo por todos os lugares. Surpreendentemente é um clima bastante descontraído, especialmente para aqueles que usam uma dose de omeoprazol para passar o dia e uma dose de rivotril para passar a noite.

Apesar das entrevistas e declarações, não há muito o que se preocupar com a segurança. Há muros, com certeza, algumas milhares de grades e arames farpados, cadeados a perder de vista, mas isso não parece despertar interesse especial por nenhuma das partes. Os de laranja sabem exatamente que 13 jogos de gilete cerram uma grade, os de preto também, por isso periodicamente passam tal qual crianças que se divertem enquanto correm e estendem a mão para sentir as barras das grades. Um duplo ganho, resgate de uma memória afetiva e a realização de um procedimento profissional.

Digo que não há preocupações porque há infinitos procedimentos. A cada deslocamento, digamos, a cada 2 metros, no intervalo entre uma sela e outra, grades no chão são abertas por pretos que numa espécie de segundo andar abrem e fecham os portões – sem falar no marca passo presente nos pés e mãos. Bota roupa, tira roupa, agacha, levanta-se, sem emitir um som, um a um são revistados pelo outro lado das grades todos os laranjas.

E o movimento não para. Há muita coisa sempre: galerias que vão para o banho de sol, galerias que tem visita, médico, saídas para os advogados, aulas, o que cria um ambiente de eterno barulho de metal, vozes conversando ao fundo, cultos variados em nome de Deus e eventualmente chamados aos agentes, feitos com toda uma técnica que envolve colar na porta e falar entre os vãos para que o som ecoe no metal.

Além disso, bom destacar, estão os verdes, os chamados regalias, que circulam realizando partes das funções internas que ainda não foram terceirizadas. Circulam com uma liberdade incrível, não vigiados, completamente invisíveis, já acostumados a olhar para as paredes e para o chão todos os dias.



Tudo e qualquer movimentação é dita pelo termo procedimento. Tudo é procedimento.

Após essa ginástica chegamos lá, eles e eu, e me deparo com a tarefa um pouco constrangedora de dar aula. O encontro é bastante particular, assim como a transferência com o grupo e a relação que vai se estabelecer. As táticas são variadas. Há aqueles que ficam felizes quando há uma outra grade os separando, outros que preferem circular entre eles, há também toda uma postura ou não a ser mantida.

Particularmente penso ser uma turma como qualquer outra, ou seja, ao te conhecer, vão te testar, querer te conhecer, medir o quanto você sabe, o que muda é o que significa exatamente esse teste, as proporções, escalas e mundos. Para vários colegas de profissão é a realização de um sonho, o silêncio absoluto dos alunos, o poder total da disciplina. Para outros, os quais me aprocho mais, o melhor adjetivo é “fofos” e “dedicados”, apesar de que não há fofura e dedicação que compense deficiências estruturais, histórias, e o tal da entrega e devolve caderno toda semana.

Talvez por isso sejam tão dedicados. A avidez em pegar o caderno, copiar, é para registrar e conferir os temas que foram oralmente discutidos durante a semana em casa, e veja que não são poucos. Um desses, valendo dinheiro, era se o filme “Velozes e Furiosos” tinha ou não acontecido na Serra do Rio do Rastro. Não me envolvi na aposta, mas argumentei que caso tivesse acontecido isso seria um ponto turístico, mais pessoas saberiam, enfim, até hoje não sei onde filmaram essa maravilha do cinema.

Que ninguém me escute, mas se fosse fazer uma concessão à biologia seria essa intuição que chamamos de curiosidade. Os mais franceses chamam isso de “vontade de saber” que acho também um nome bastante pertinente. Assim a troca estabelecida é bastante recíproca e aprendo sobre o verbo maquinar enquanto eles aprendem sobre Demócrito, o pré-socrático, logo antes de decidirem com qual das escolas helênicas mais se identificam.

Apesar das opções variadas majoritariamente costumam tomar partido de dois deles: Diógenes e Sêneca, cínicos e estoicos. Veem com muita desconfiança a minha identificação cética – o que penso ser bastante cético da parte deles. O estoicismo, com a ideia de “destino”, tem muitos elementos incorporados pelo cristianismo, o que faz dele talvez o movimento de maior sucesso: uma hora tem de se aceitar que tudo acontece para uma razão e de que há algo que nos espera de bom, é um pensamento de resignação e esperança.

Por outro lado, há os irresignados. Desses há poucas saídas, ou torna-se fumaça, como dizem, ou fica lá pra sempre com faltas e mais faltas e datas bases e mais datas bases. Esses em geral têm uma maior identificação com o movimento cínico, bastante atraídos pela ideia de que grande causa do nosso sofrimento vem das expectativas e obrigações sociais que são criadas e impostas a nós. Ser cínico se aproxima um pouco mais da liberdade, ainda que nas ideias, conscientes que não podem fazer nada sobre o olhar de terceiros.

Mas falar de Grécia é fácil, a dificuldade vai aumentando progressivamente e a plasticidade do pensamento também. Poucas coisas parecem tão relevantes a eles quanto provar a existência de Deus. Não me entendam mal, são absolutamente respeitosos entre si, cultos, orações, não religiosos, enfim, mas a ideia de deus os deixou bastante intrigado.

Começando por Epicuro que dizia “como deus pode permitir no mundo a maldade?”, é sem dúvida uma das minhas aulas preferidas. Os argumentos deles são terrivelmente filosóficos, como um que me disse “professor, o senhor fala essas coisas, mas por exemplo, se alguém vai e tira um três oitão do bolso e bota no teu peito tu não vai dizer “Ah meu deus”? Já aconteceu comigo e eu pensei nisso!”. Pensei se essa justificação seria digna de entrar nas listas de Tomás de Aquino sobre a existência de Deus e acredito que sim.

Por fim inevitavelmente a história progrediu e com ela alguns temas mais contemporâneos surgiram como ética, estado, liberdade, mas aí já estávamos todos cansados demais e nossas posições já muito sabida por todos, além de ser hora do almoço e sabem como são turmas perto do fim, nada mais presta.

Ao me despedir e reaver meus pertences inevitavelmente em minha cabeça alguma música do racionais era escolhida para ficar em looping, dessa vez foi o trecho de mano Brown, naquele verso do “Fórmula Mágica da Paz” que diz: “Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá, minha ideologia enfraqueceu: Preto, branco, polícia, ladrão ou eu, quem é mais filha da puta, eu não sei! aí fudeu, fudeu, decepção essas hora... a depressão quer me pegar vou sair fora”.



Conclusões

Não tratando-se de um denso texto teórico, ofereceu-se ao leitor breves considerações sobre o campo da criminologia crítica, a origem da prisão e da escola como instituições com o intuito de disciplinar o sujeito e estruturar a sociedade moderna em torno desse novo objetivo que é formar indivíduos obedientes e trabalhadores.

Por meio de um relato de experiência sobre o cotidiano de um professor de filosofia em espaços privados de liberdade, buscou-se problematizar a ideia da desigual distribuição da punição – a criminalização primária e secundária da Criminologia Crítica – por meio das diferentes razões que podem levar alguém a cadeia e que essas razões costumam a distribuir qual espaço e posição será ocupada: a condição de preso, de guarda, de professor, etc.

As diferentes razões que levam alguém para a cadeia costumam ter um fundo comum, desejos comuns, como uma melhor condição de vida, trabalho, ética, justiça, variando especialmente a distribuição do caráter criminoso entre as partes, a discordância entre os métodos legítimos e ilegítimos. Muitos guardas estão ali para fazer justiça, na própria percepção, assim como muitos presos também estão ali por fazer justiça, na própria percepção.

Acerca do elemento disciplinado que a cadeia tem como foco, destacou-se como opera-se por meio da linguagem, tal qual na obra de George Orwell, uma redução no vocabulário, exclusão de palavras, buscando disciplinar o sujeito tão fundo a ponto de que não consiga mais dizer, falar e se expressar. A segurança que a cadeia oferece não está nas infinitas grades e muros, mas a colossal pressão sobre todos que oprime o pensamento, retira qualquer esperança ou expectativa – por parte de todos-, o que se percebeu especialmente manifesto na linguagem e na comunicação por substantivos.

Por fim, destacou-se o convívio e a prática da docência nesse contexto, narrando o encontro entre as partes, as reflexões e os diálogos acerca de um problema clássico da filosofia: como ser feliz? Reformulando, como suportar a condição de cárcere, como buscar uma filosofia de vida que faça sentido, momento em que se discutiu especialmente as escolas helênicas e as diferentes perspectivas filosóficas sobre a felicidade.

A experiência e o aprendizado mutuo vem desse encontro ousado, que destaca a função da educação como experiência de liberdade e libertação, por meio da filosofia, da reflexão, da própria prática daquele que se dedica a ensinar a ou outro a aprender – e vice versa – num espaço tão hostil, lembrando o potencial transformador que a educação carrega e da transformação de si mesmo.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Liberdade para ser Livre**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2018.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**: introdução à sociologia do direito penal. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A Sociedade Punitiva**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2015a.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. São Paulo: Editora Graal, 2006b.
- FOUCAULT, Michel. “A vida dos homens infames” in: **Ditos e escritos**, v. 4. Trad. Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006a.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. São Paulo: Vozes, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: **A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MELOSSI, Dario. PAVARINI, Massimo. **Cárcere e a Fábrica**: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- RUSCHE, Georg; KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e estrutura social**. Trad. Gislene Neder. 2. Ed., Rio de Janeiro: Revan, 2004.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 02 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 28 de novembro de 2022.